

2-2003

Estágio: Aprender a missão com os pobres

Tiago Barbosa

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Barbosa, T. (2003). Estágio: Aprender a missão com os pobres. *Missão Espiritana*, 3 (3). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol3/iss3/10>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

estágio em moçambique: aprender a missão com os pobres

O trabalho de professor, ou o de biscateiro da moagem ou da garagem da Missão, só têm sentido se forem entendidos como dimensões periféricas da mesma peregrinação interior que fui chamado a encetar. Consertar jipes ou geradores, mudar “os azeites”, comprar gasóleo e petróleo, levar “grávidas dele” ou corrigir os testes foram para mim trabalho missionário porque expressavam o desejo de querer partilhar a fé em Jesus Cristo e aprender que Jesus Cristo, o Filho de Deus, quando habita no nosso meio torna-se Festa e aí a vida ganha sentido em plenitude.

A comunidade espiritana de Netia...

Vivi perto de dois anos na comunidade espiritana de Netia, na Província de Nampula, no norte de Moçambique, no meio do povo Macua. Éramos seis pessoas, de três nacionalidades. Três portugueses: PP. Pedro Fernandes e Damasceno e eu, dois angolanos, Pe. Alberto e o Matias, em estágio como eu, e o Christophe, francês, leigo voluntário da DCC (Delegação da cooperação católica), que exercia o ofício de enfermeiro. A missão dista de Nampula, a capital da província com o mesmo nome, cerca de 130 km e do porto de Nacala uns 120 km.

A equipa missionária de Netia, além da comunidade espiritana, era constituída pelas Irmãs combonianas. As três irmãs, além da administração do lar feminino (no qual viviam e estudavam 50 meninas), dedicavam-se à pastoral e, de maneira particular, à promoção da mulher.

O meu tempo de estágio ficou ocupado com o ensino de português na Escola Básica de Natete. É uma escola governamental, que admite alunos da 1ª classe até à sétima. No total, estudavam aí um milhar de alunos, com idades compreendidas entre os 7 e 20 anos. A mim, tocou-me a 6ª e 7ª classes. Eram mais ou menos 400 alunos.

* Jovem missionário espiritano, fez o seu estágio missionário em Moçambique, de Dez. 2000 até Maio de 2002. Licenciatura em Teologia na Universidade Católica de Lisboa em 2000.

Não é sem razão
que Moçambique
se chama o “País
dos Sorrisos”!

Um caso na vida...

O dia tinha amanhecido sorridente. Não é sem razão que Moçambique se chama o “País dos Sorrisos”!... Estávamos no mês de Agosto. Por esta altura, a aragem matutina é fresca, ainda que às vezes se ouça, aqui e acolá, as pessoas queixarem-se do frio...

Para mim, não havia melhor estação do ano. De dia, brilhava o sol, radiante e luminoso, sem humidade e sem ar abafado; de noite, era a temperatura amena, sem mosquitos, o que convidava a uma boa soneca. Era a primavera no seu momento de requinte...

Às sete em ponto, lá tive que fazer esforço; toda a gente, em sentido e silêncio, porque se vai cantar o Hino: “Viva, Viva a Frelimo / Guia do povo moçambicano...” Cinco minutos depois, a turma, já na sala de aula, saudava o professor: “Bom dia, Senhor Professor!” “Bom dia, meninos.” “Nós estamos bem. Não sabemos a parte” (Nakumi. Nuywo?). Que é como quem diz: “Está tudo bem e o senhor professor está bem?”

Assim, bem ao jeito macua, começava mais um dia na Escola de Natete.

Hoje, tinha resolvido que iria explicar uma regra muito simples aos meus alunos do 6º C: a concordância do verbo com o sujeito. Claro que esta regra gramatical é fácil de entender. Porém, quando os alunos falam quase sempre o Macua, que é a sua língua materna, é bastante difícil tornar tal assunto simples e acessível para os mesmos. Quanto mais me explicava, mais “desconseguiam”¹ de ouvir. Para a história, ficou o empenho do professor; com muito “*vakhani vakhani*”, (suave paciência, em macua) deu o seu melhor...

Estava a aula perto do seu fim, quando, em passos mudos, se abeirou da porta da sala o Sr. Manuel.

“Dá licença? Dá licença?” O tradicional pedido de desculpa por interromper alguém, fez-se ouvir.

“Sim, pode entrar”.

“Sr. Irmão, vinha-lhe dizer que é precisado na moagem. O motor parou e está lá muita gente para moer milho deles.”

“Está bem, Sr. Manuel, já lá vou”.

Passados cinco minutos, tocou a sineta da escola. Lá me pus a caminho da moagem.

A multidão que enchia o largo da moagem era enorme. Parecia um autêntico dia de feira. Em vez dos feirantes e das tendas, havia muitos sacos de milhos e alguns de karakata, espécie de mandioca seca. Bom, gente não faltava. No entanto, o gerador que sustenta a moagem tinha “desconseguido”.

“Então, Sr. Jaime, que aconteceu?”

“Não quer funcionar!” - disse, com cara de desanimado, e apontando para o *Lombardini*, que teimava em não querer trabalhar.

De facto, era uma maçada a “teimosia” do gerador. Muita gente que ansiosamente esperava pela sua vez de moer o seu milho, teve de madrugar,

¹ Palavra utilizada em Moçambique para exprimir desalento, desânimo, algo que não funciona.

palmilhar vários quilómetros e ainda tinha pela frente um longo caminho de regresso, de sacos às costas debaixo do escaldante sol tropical ou, na mais optimista das hipóteses, de “muatenkene”, que quer dizer de bicicleta.

É claro que não vos vou relatar o concerto que se teve que operar, para que o tal bicho de 17 Kw voltasse a trabalhar. No entanto, o meu dia de professor tinha terminado com esta avaria. Lá tive de passar toda a “santa” manhã em volta dos “azeites” do gerador. Muda filtro, lava tubo, desentope mangueira, aperta aqui, abre acolá... Enfim, foi uma çatrefada de coisas, e no fim, voltámos a ter máquina e energia eléctrica. É claro que não era “Cabora Bassa”, mas não é como não ter...

Quando me dirigia para casa, vi que se dirigia na minha direcção o enfermeiro Natividade. “Bom dia, Sr. Irmão, peço grande favor.”

“Bom dia, Sr. Natividade, que se passa?”

“Temos grávida dele no hospital e está muito mal. É preciso enfrentar para no Monapo.”

Bom, apesar de ser hora de almoço, aliás bem merecido, alguém pedia ajuda. Em passo de corrida, lá me dirigi a casa para apanhar as chaves do carro e toca a seguir para o hospital, a fim de levar a ‘grávida dele’ para o Hospital Rural do Monapo.

Era uma hora de viagem, até ao Monapo mas se tudo corresse bem. Desta vez, não houve nascimento no caminho, o que quer dizer que correu tudo bem.

Após este serviço de maqueiro, finalmente pude almoçar.

A parte da tarde, aproveitei para preparar o curso de catequistas que iria dirigir durante o fim de semana na paróquia de Itoculo, a qual estava ao encargo da equipa missionária de Netia. Ainda não sabia muito bem qual o tema a desenvolver. Contudo, já podia adivinhar a ânsia de aprender, com que viriam os catequistas. Alguns deles, para poderem participar em qualquer curso tinham de percorrer muitas dezenas de quilómetros, de deixar a machamba (os trabalhos agrícolas de sustento) e outras coisas mais, que só por si já revelavam o espírito de heroicidade e de cristianismo comprometido.

A missão é vivida num país com um “rosto”...

Certamente que, actualmente, o moinho e a escola de Natete continuam a trabalhar. O primeiro mói o milho que depois se transforma em deliciosa “xima” (papinha de milho que é a base da alimentação) e a escola acolhe e incita os jovens, que ao seu encontro calcorreiam os caminhos de Netia, a encararem com esperança o futuro, pois o sonho que transportam na palma da mão é a semente da vida.

Após um turbulento período de transição da administração colonial portuguesa para uma nação independente e autónoma, Moçambique, na sua curta história de país livre, sofreu uma guerra fratricida. Esta, além da ruína material e económica, espatifou muitas infra-estruturas, as quais poderiam ter sido a rampa de lançamento para o seu desenvolvimento sustentado e harmonioso.

Muita gente que ansiosamente esperava pela sua vez de moer o seu milho, teve de madrugar, palmilhar vários quilómetros e ainda tinha pela frente um longo caminho de regresso, de sacos às costas debaixo do escaldante sol tropical

Em Agosto de 2002,
celebraram-se os
dez anos de Paz...
Muitos dos meus
alunos viveram
situações de
conflito,
presenciaram
os mais horrendos
crimes cometidos
contra seus
familiares e amigos

Em Agosto de 2002, celebraram-se os dez anos de Paz. Em 1992, tinha sido assinado em Roma o Acordo Geral de Paz, o qual possibilitou o regresso da paz, da serenidade, da tranquilidade, próprias dos tempos de bonança de qualquer nação.

Muitos dos meus alunos viveram situações de conflito, presenciaram os mais horrendos crimes cometidos contra seus familiares e amigos. Estas situações custam um largo tempo a cicatrizarem.

Para mim, esta realidade foi, ao mesmo tempo, um choque e uma agradável surpresa. Vi, por um lado, pessoas e famílias que ainda tinham estigmas dos tempos de guerra: filhos desaparecidos, ameaças e vinganças, torturas ou outras coisas do género que aconteceram por causa da posição política assumida ou apoiada, pública ou privadamente.

Simultaneamente, havia um espírito de fraternidade e de perdão entre a população em geral. Ainda que, às vezes, era um bocado contraditório com o espectro de ameaças e julgamento sumários ou arbitrários que aconteciam e que levava os injustiçados a correrem à Missão para pedir ajuda aos padres.

Lembro-me da viúva de Mpitokuir que foi castigada pelos seus familiares, pois teve, em 2001, melhor colheita de algodão que o seu cunhado e este, por vingança, queimou-lhe a casa e os seus haveres, acusando-a de pertencer à Renamo (é o partido na oposição e a Frelimo o do poder). Ou os camponeses de Natete e Mademo que deixavam os seus animais pastar livremente nos baldios e, movidos pela inveja e cobiça, uns três homens resolveram “falsificar” credências do chefe de posto (espécie de presidente da junta), e toca de arrebanhar o mais possível de animais para depois repartirem entre si, quais fiscais de gado miúdo... É lógico que os camponeses pediram auxílio à equipa missionária e depois soube-se que, afinal, os três homens eram mandatados pelo próprio chefe de posto, pois este tinha inveja da população que vive perto da missão e que confia mais nos padres que nele.

O caminho da
Paz é lento, qual
“banquete” que
é cozinhado em
lume muito brando

Este e outros casos mostraram-me que o caminho da Paz é lento, qual “banquete” que é cozinhado em lume muito brando. Cada dia tem de ser mais um dia de paz e de fraternidade, para que a cultura da paz e da justiça se torne o “sitz im leben” do povo.

Como nunca vivi num país em guerra, foi uma “agradável” e evangelizadora surpresa ver gestos de perdão e sinais de reconciliação entre pessoas que antes tinham pegado em armas e combatido em diferentes lados da batalha. Apreciei que hoje as pessoas vão a esta ou aquela terra para praticar desporto e/ou para partilhar os alimentos em tempo de míngua, e já não pensam, nem querem ouvir falar do tempo de guerra, em que atravessar esta ou aquela ponte para se deslocar era um suicídio.

Ao longo do meu tempo de estágio, pude constatar nas mais diversas comunidades cristãs um grande sentido de procurar viver a Paz e em paz, da existência de uma forte atenção aos valores da partilha, da ajuda mútua em tempos de crise e de fome, como também nas grandes festas litúrgicas ou das diversas comunidades. De facto, a paz e a justiça não se constroem só

com palavras, mas vivem-se no dia-a-dia e, havia comunidades cristãs que sentiam e respiravam esta dimensão em toda a sua amplitude: a ajuda fraterna aos mais necessitados e as comissões comunitárias de justiça e paz que zelavam pelo respeito dos Direitos Humanos e tentavam cultivar um espírito cristão de caridade, são disso um exemplo.

Como era voz corrente, «se os nossos irmãos da Europa nos enviam coisas e partilham connosco os seus bens, também nós temos de partilhar e dar testemunho cristão».

Não posso esquecer o episódio de espancamento e de martírio que sofreu o animador da celebração da palavra da comunidade de Mpitokuir. Perante muitas humilhações e maus tratos, apenas sabia dizer que era «cristão católico» e que não podia aceitar certas práticas pagãs. Esta sua coragem, eu diria mesmo, este seu “heroísmo cristão”, custou-lhe vários dias de internamento no hospital e a perda de grande parte da colheita desse ano. No entanto, nunca teve uma atitude de vingança, ou melhor, a única atitude que teve foi de perdão, por que segundo ele «era cristão católico»!

Termino referindo a grande parábola da paz que, vezes sem conta, contemplei. Normalmente, quando se viaja de carro em Moçambique, há duas coisas que nunca faltam: uma corda e uma garrafa com água, de preferência grande, não vá o ‘diabo’ ser tendeiro... ou sequioso!

Ora, acontece que há muitas avarias mecânicas. Não interessa saber o porquê. Admirava-me ao ver que os carros eram todos reparados na berma da estrada e quase sempre pelos seus proprietários.

Quando o carro avariava e não tinha conserto in loco, podia-se considerar um caso falido. “Tinha-se desconsseguido” e não havia nada a fazer.

No entanto, se o condutor, o seu ajudante e mecânico, punham mãos à obra, não havia problema que não se consertasse. O Ir. Raul da Carapira, várias vezes me confidenciou: «Sabes qual é a melhor oficina de mecânica por estas bandas? A estrada. Enquanto o carro lá estiver, tenho a certa que irá andar...»

De facto, a paz, a vida conserta-se no caminho, porque para o peregrino o caminho se faz caminhando...

Missionário, alguém que partilha...

Reflectindo sobre o estágio, julgo que, em primeiro lugar, foi um tempo de graça, não só porque o iniciei no ano 2000 (Grande Jubileu), mas sobretudo, porque o Espírito me “deu” uma lição “com a sua luva e mão”...

Antes de embarcar, tinha a minha cabeça povoada com a imagem “algo romântica” do missionário, que, de barbas longas, cabelo algo despenteado, visitava as aldeias, vivia no meio do povo e, depois, escrevia umas cartas muito bonitas e com muitas peripécias aos seus colegas que ficaram do outro lado do planeta.

Após os primeiros seis meses, compreendi que o que me povoava a cabeça e me toldava o espírito, andava bastante arredio do que é na verdade e, no real, ser missionário.

Como Paulo, também tive de cair do cavalo. Compreendi então que ser

*Quando se viaja
de carro em
Moçambique,
há duas coisas que
nunca faltam: uma
corda e uma
garrafa com água,
de preferência
grande, não vá
o ‘diabo’ ser
tendeiro... ou
sequioso!*

Ser missionário não é só o caminho que se faz de Portugal para a terra barrenta de Netia ou de Itoculo, mas, no seu âmag, é uma grande e longa peregrinação interior

missionário não é só o caminho que se faz de Portugal para a terra barrenta de Netia ou de Itoculo, mas, no seu âmag, é uma grande e longa peregrinação interior.

De desenraizado da sua cultura, o missionário é chamado a enraizar-se noutra cultura; é convidado a abrir-se ao outro que encontra no seu dia-a-dia. É entender com o coração que se é “discípulo de Emaús” e o povo que acolhe torna-se o sinal visível e físico que Jesus Cristo emprega (empregou para mim!) para explicar as Escrituras e abrir os olhos para a sua presença actuante no nosso meio.

Só quando entendi com “as minhas entranhas” esta realidade é que pude compreender a alegria do povo macua ao viver a festa do Natal e da Páscoa, a festa do baptismo e da visita pastoral do bispo, ou a alegria dos meus alunos na festa do dia da criança (01.06) ou no dia do professor (12.10).

Pude, então, compreender como fazia sentido viver e dizer que a nossa agenda é o povo, pois a falta de horário para muitos dos eventos em Moçambique é coisa normalíssima. Para mim, no princípio, causavam-me verdadeiros momentos de “auto-flagelação”. Ou então, a pachorra com que se fazia certas coisas ou a vibrante e completa euforia em comemorar certas festas.

Estas festas eram “estranhas”, no início do estágio, e eu olhava-as de soslaio, pensando que eram coisas de outra cultura e do outro mundo. Não me diziam nada. Até costumava dizer aos meus alunos: «a vossa festa; o vosso feriado, a vossa cultura, etc.» Não dizia isto com maldade, mas dizia com respeito e também muita “frieza emocional e evangélica”. Sentia-me em campo estranho e vivia a missão inculturada como uma busca do exótico e do que é totalmente desconhecido à minha cultura materna.

Na verdade, não fazia sentido, para um europeu ocidental, mudar um feriado que calhava ao domingo para a segunda-feira seguinte para ser então festejado. Como dizia, meio a brincar, meio a sério, o Ir. Fiorini, «este país tem tanta produtividade que tem de fazer, de quando em quando, uns feriados!...»

No entanto, com o passar do tempo e com as visitas às famílias dos meus alunos, notei que a festa é algo de estruturante e de essencial à vida para o povo macua. Na maioria dos seus dias, este povo anda com malária (paludismo) ou com anemia. As condições de vida e de trabalho são por demais cansativas e “comem” de maneira impressionante a esperança de vida.

Então, entendi porque é que a festa é sagrada. Nela, novos e velhos vivem uma espécie de dia original que dá sentido à vida. Por isso, a celebração dominical da Santa Missa, no seu ritmo bem próprio de dia de festa, demora quatro a cinco horas. Não é uma missa diferente da que é celebrada por esse mundo fora. É apenas celebrada com a intensidade própria dum povo que ainda não perdeu o sentido da festa que abrange toda a sua existência e, por isso, o tempo cronos (do relógio) do domingo torna-se “kairós”, ou seja, o domingo de realidade cronológica

transforma-se em tempo vivificado pelo “logos”, pela Palavra que, ao ser proclamada, vivida e provada, se torna fonte de Vida, a qual pela acção do Espírito é transformante.

Esta foi a evangelização que, ao longo do tempo de estágio, recebi. Não me deram lições nem tive que frequentar nenhuma universidade. Apenas vivi “numa grande escola”.

O trabalho de professor, ou o de biscateiro da moagem ou da garagem da Missão, só têm sentido se forem entendidos como dimensões periféricas da mesma peregrinação interior que fui chamado a encetar. Consertar jipes ou geradores, mudar “os azeites”, comprar gásóleo e petróleo, levar “grávidas dele” ou corrigir os testes foram para mim trabalho missionário porque expressavam o desejo de querer partilhar a fé em Jesus Cristo e aprender que Jesus Cristo, o Filho de Deus, quando habita no nosso meio torna-se Festa e aí a vida ganha sentido em plenitude. Porque a Festa quer dizer Vida em abundância e, como dizia o apóstolo que colocava a sua cabeça no peito de Jesus, a vida que apalamos e contemplamos é esta mesma vida que queremos testemunhar e anunciar.

Por esta razão, era gratificante, no fim de uma semana de aulas, colocar a mochila às costas e com alguns alunos visitar com eles as suas famílias. Queria que eles me vissem como alguém que veio para partilhar o dia-a-dia, a fé em Jesus Cristo, o meu viver numa cultura diferente e não como o voluntário branco que dá aulas e é antropólogo da nossa vida.

Viver o Evangelho em Moçambique significou para mim colocar a cabeça no peito do povo de Netia, auscultando e pressentindo o seu viver, dando carta livre ao Espírito para que ele marcasse o rumo a seguir.

Não é por mero acaso que o Pe. Libermann aos seus missionários de Dakar lhes disse que só a santidade de vida e o despojamento cultural eram o quinhão daqueles que queriam sulcar os mares...

O trabalho de professor, ou o de biscateiro da moagem ou da garagem da Missão, só têm sentido se forem entendidos como dimensões periféricas da mesma peregrinação interior que fui chamado a encetar

